

Turismo descontrolado ameaça ambiente de Fernando de Noronha

Categories : [Reportagens](#)

Aumento do volume de esgoto não tratado e dos resíduos sólidos, sobrecarga dos sistemas de abastecimento de água e energia e do transporte público, ocupação irregular do solo e do número de veículos e embarcações. Estes são alguns dos problemas que cada vez mais afetam o arquipélago de Fernando Noronha, devido ao crescimento excessivo de número de turistas, que vão em busca de suas praias e de sua beleza natural. Mas entre as consequências mais graves desse aumento descontrolado do número de visitantes, está a degradação do ambiente terrestre e marinho, a redução da sua rica biodiversidade, com a extinção de espécies, e até o risco de perda da condição de Patrimônio Mundial da Humanidade, concedida em 2001, pela Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação (Unesco).

De 1992, quando começou a ser registrado, até o ano passado, o número de visitantes por ano saltou de 10.094 para 103.722, um crescimento de nada menos do que 927,5%. Mas é pior do que isso. O número de turistas em 2018 ficou 15,5% acima dos 89.790, quantidade máxima de pessoas que poderiam visitar a ilha por ano, estabelecida pelo [plano de manejo da Área de Proteção Ambiental \(APA\) de Fernando de Noronha, Rocas, São Pedro e São Paulo](#), elaborado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão responsável pela gestão das áreas de conservação do país. “Os números da visitação vêm subindo de forma substancial, contrário a todos os documentos que pedem um controle e uma preocupação maior com relação à infraestrutura da ilha”, lamenta Felipe Mendonça, ex-chefe do Parque Marinho do arquipélago.

Ele foi exonerado do cargo no dia 31 de janeiro, pelo novo presidente do ICMBio, o médico veterinário Adalberto Eberhard. Suspeita-se que entre as causas da demissão estão justamente as críticas de Mendonça ao excesso de turistas em Fernando de Noronha. De acordo com ele, entre 2000 e 2013, a visitação no arquipélago variou de 50 mil para 63 mil pessoas por ano, ou seja, um crescimento de 26% em 13 anos. “Já entre 2013 e 2018, esse número pulou de 63 mil para 103 mil”, diz. “O que representa um aumento de 63% em apenas 5 anos.”

As consequências disso para o ambiente já são visíveis. “Há poluição doméstica por esgoto, além de erosão e carreamento de sedimentos para os corais e alteração da paisagem”, disse, por e-mail, a equipe gestora do ICMBio em Fernando de Noronha, que preferiu conceder a entrevista coletivamente. “Outros problemas são o desmatamento, a introdução de espécies exóticas, poluição sonora e luminosa e molestamento de animais marinhos, como tartarugas, tubarões, golfinhos e baleias.”

Segundo a pesquisadora Silvia Helena Zanirato, do Curso de Gestão Ambiental, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP), que vem estudando a questão do turismo em Fernando de Noronha há alguns anos, o processo de mudança de uso do solo para edificações e a circulação crescente de pessoas pela ilha e pelas águas do arquipélago afugenta a fauna terrestre e põe em risco a marinha.

Além disso, leva à diminuição da flora nativa, que também sofre com a introdução de espécies exóticas. “Plantas como a linhaça ou leucena estão disseminadas pela ilha”, diz Sílvia. “Isso também se vê na fauna, uma vez que o gato doméstico, o camundongo, os mocós e os teiús são exóticos e abundam no local, havendo mesmo pesquisas que indicam que eles ameaçam as espécies nativas.”

Há outras ameaças à fauna. Entre as atividades oferecidas aos visitantes estão o passeio de barcos para ver espécies marinhas e embarcações naufragadas através do piso de vidro, com lente de aumento, de passeio e o mergulho com snorkel ou autônomo. “Essas atividades em grande escala podem alterar o comportamento dos animais e também levar à quebra ou abrasão de corais, que são berço para a intensa vida subaquática do local”, alerta Sílvia. De acordo com a equipe gestora do ICMBio isso já pode ser percebido no comportamento dos golfinhos-rotadores, que estão abandonando a Baía dos Golfinhos – que deve seu nome justamente a eles – e diminuindo sua presença em toda a área de Fernando de Noronha.

Descoberto em 1503 pelo navegador italiano Américo Vespúcio, explorador que atuou a serviço dos reinos de Portugal e de Espanha, o arquipélago vem sendo visitado desde então. De forma esporádica e irregular no passado, mais frequente e intensa nos dias de hoje. Ao longo de sua história, foi abrigo de naufragos e desterrados, visitadas ou ocupadas transitoriamente por franceses, ingleses e holandeses, local de fortés e presídios e até local de envio de índios para a prática da agricultura (em 1819), além de ter sido território federal, abrigando, em períodos diferentes, destacamentos do Exército, Marinha e Aeronáutica. Hoje é o único distrito estadual do país.

A ocupação regular começou em 1737, com a construção da Vila dos Remédios, sua atual capital, e do Sistema Fortificado. O turismo começou a se intensificar a partir da década de 1990, quando suas belezas naturais e suas praias idílicas passaram a chamar a atenção. Sua alta biodiversidade e endemismo (várias espécies que só existem lá) são outros pontos nos quais Fernando de Noronha se destaca. “O arquipélago é considerado um *hotspot*, ou seja, um lugar que concentra os mais altos níveis de biodiversidade e onde as ações de conservação são extremamente importantes, tanto para a manutenção da vida marinha, quanto para o equilíbrio sistêmico”, explica Silvia.

De acordo com ela, o relativo isolamento da ilha e a disponibilidade de alimentos também favorecem a concentração de aves marinhas. Ali podem ser vistos maçarico vira-pedra, o

mumbebo-de-patas-vermelhas, o mumbebo marrom e a fragata ou catraia. “Essas aves fazem seus ninhos e alimentam seus filhotes nas encostas vulcânicas”, conta Sílvia. “As espécies migratórias também fazem ali ponto de parada. Todas se alimentam dos pequenos crustáceos, moluscos e insetos existentes no local.”

Ainda segundo a pesquisadora da USP, em reconhecimento a essa importância ambiental e ecológica o governo brasileiro criou em 1988, por meio do Decreto-Lei no 96.693, o Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (Parnamar-FN), Unidade de Conservação de Proteção Integral, que abrange 50% da área da Ilha de Fernando de Noronha, as 17 ilhas do arquipélago e a maior parte das águas adjacentes, até a profundidade de 50 metros, totalizando uma área de 112,7 Km². O objetivo da medida é proteger aqueles ecossistemas marinhos e terrestres, preservar sua fauna, flora e demais recursos naturais.

Com sua inclusão na lista do Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco, em 2001, Fernando de Noronha juntou-se às pouco mais de trinta áreas marinhas na mesma condição, entre as quais estão a Grande Barreira de Corais da Austrália, o Atol de Aldraba (Seychelles), o Parque Nacional de Coiba (Panamá) e o Parque Nacional da Ilha de Coco (Costa Rica), por exemplo.

De acordo com Silvia, no entanto, a presença do arquipélago nessa lista pode estar em risco, por causa dos danos causados pelo turismo descontrolado. “A União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), que assessorava a Unesco nos assuntos relativos ao patrimônio mundial, tem expressado a preocupação com a visitação além do tolerável a lugares que são protegidos justamente pela biodiversidade”, diz. “Ela pede aos países detentores de patrimônio que zelem por seu bem e junto à Unesco e faz o acompanhamento periódico de cada lugar da lista.”

Caso as recomendações da IUCN/UNESCO não sejam consideradas, o local entra na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo e, se não houver medida do país que assegure a proteção necessária, o lugar pode perder a condição de patrimônio da humanidade. “A IUCN está atenta a Fernando de Noronha e espera que o lugar seja gerido corretamente”, alerta Sílvia.

Por enquanto, pouco tem sido feito nesse sentido. “O ICMBio vem tentando junto com o Ministério Público Federal (MPF) colocar em prática sua norma que estabelece o limite de visitação”, diz Mendonça. “Infelizmente não é possível entender o que a Administração de Noronha está fazendo para melhorar ou controlar o número de pessoas que chegam ao arquipélago.”

Procurada pelo **O Eco**, a Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer de Pernambuco disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que a questão do Turismo no arquipélago não é com ela, mas com a Administração Geral do Distrito Estadual de Fernando de Noronha. Esta, por sua vez,

respondeu à reportagem que não poderia atendê-la, porque todo o seu pessoal estava envolvido, primeiro, na realização de uma etapa do campeonato mundial de surf e, depois, com o carnaval.

Leia Também

<https://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/observacoes-constrangedoras-de-uma-ecoturista-em-fernando-de-noronha/>

<http://www.oeco.org.br/noticias/29012-icmbio-multa-companhia-por-poluir-praia-em-fernando-de-noronha/>

<https://www.oeco.org.br/reportagens/presidente-do-icmbio-exonera-chefes-das-apas-de-costa-dos-corais-al-e-fernando-de-noronha/>